

Autor: Maurício Eugênio Maliska<sup>1</sup> – Maiêutica Florianópolis Instituição Psicanalítica

Título: O corp(oral) da voz<sup>2</sup>

Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabajos Libres

---

A voz é corpo, uma parte ou um produto que cai se desprendendo do corpo. Isso é característico do objeto *a*, esse objeto que cai, que se desprende do corpo, tal como as fezes que também são produtos do corpo que o deixam. A voz, no entanto, parece ter uma característica mais volátil, efêmera, o que reforça, ainda mais, a sua condição de objeto *a*. A voz é corpo na medida em que se corporifica enquanto *a*, isso quer dizer que a voz é corpo na medida em que falta, na medida em que faz do corpo não uma unidade, mas a colocação do corpo em falta. A voz representa a própria caducidade do corpo, enquanto objeto em falta, faz falta no corpo, mostra o corpo em pedaços, não inteiro, não uno; um corpo que se desfaz.

A voz é a fonia, é o som do corpo, um corpo que vibra, que murmura, que exala sons que produzem cacofonias, disfonias e afonias. Na experiência analítica podemos verificar o quanto o sujeito em análise não procede a uma fala organizada de acordo com uma língua clara, objetiva, com ordenamento de idéias que respeitam um início, meio e fim. Ao contrário, o sujeito em análise murmura, gagueja, pigarreia, geme diz coisas para no momento seguinte desdizer; enfim, coloca em cena não a língua, enquanto sistema de signos, tão pouco a fala, enquanto o uso particular desse sistema; mas, fundamentalmente, o que está posto é a voz, enquanto objeto pulsional, é o corp(oral) que pulsa, que ofega, que hesita, que se inibe, que se angústia, que faz sintoma. O que está em jogo, na análise, é a fonação de um corpo que estremece e se expande num movimento pendular de abertura e fechamento próprio da posição do inconsciente, mas também apropriado a pulsação relativa a zona erógena, esta mesma zona que pulsa num movimento de abertura e fechamento do orifício. A zona erógena relativa ao objeto *a* é um buraco que abre e fecha. Todavia, aí temos uma exceção quanto ao ouvido como zona erógena da pulsão fonante, pois segundo Lacan (1988, p.184): “Os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar.” A zona erógena

---

<sup>1</sup> Psicanalista, membro de Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica.

<sup>2</sup> Agradeço aos colegas da Maiêutica Florianópolis pelas contribuições, em especial ao Carlos Augusto Remor, Tânia V. Mascarello e Rosane Vasconcelos Luz Macedo.

também é a inscrição no corpo dos significantes da sexualidade; marca o corpo enquanto órgão erógeno, pulsante. O significante sexualiza o corpo tirando-o da posição anatômica para colocá-lo na dimensão simbólica. Para Lacan (2007, p. 18), “[...] as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer.” O corpo passa a ganhar corpo na medida em que deixa de ser apenas um “conjunto” de células para ter uma inscrição languageira e isso é equivalente a marca-lo com a falta, a inscrever significantes da falta, esses que o objeto *a* representa, esse que é o objeto da pulsão, um objeto sempre em falta, que representa a falta e faz do ser não uma unidade, mas uma incompletude radical.

Lacan (2005), no Seminário 10, aponta que entre os objetos *a*, a voz é o mais original, o que parece dar um lugar de destaque para esse objeto, destaque esse que seria proveniente da sua própria inscrição. A voz não é o último objeto *a* a se inscrever, tal como foi o último *a* a ser trabalhado por Lacan, mas o primeiro objeto. A posição primordial advém da sua gênese, pois enquanto o *infans* consegue se subtrair do caráter onividente do olhar do Outro, não conseguirá obstruir os sons vocais da voz do Outro, uma vez que o ouvido não se tapa. O caráter primordial da voz está nesta constatação da dominância da fonação sobre o *infans*, que antes mesmo de lhe falar lhe vocifera. É a voz de um Outro que carrega pontas de um real inapreensível que penetra ouvido adentro do *infans*. É a voz de um Outro primordial que banha esse “proto” sujeito de uma sonata materna, uma lalação advinda da mãe enquanto puro som e canto, sem as inscrições da lei significante. Frente a esse real, o simbólico ira avançar na tentativa de fazer calar a voz, fazer com que o real da voz dê lugar a instância significante. Neste viés podemos dizer que no princípio era a voz e a voz se fez verbo. O significante restringe a ação onipresente da voz e cria condições para que a lei se instale, isso faz com que a voz dê lugar a fala, que o simbólico avance sobre pontas de real e que aquilo que era pura voz se transforme em uma voz para, endereçada a alguém, marcada pelo Outro que processa esse endereçamento; o que abre condições para as trocas simbólicas e as articulações do sujeito com o Outro. Isso é o que permite o próprio advento do sujeito, pois é somente na medida em que a voz é silenciada que o sujeito pode falar, pois a fala cala a voz. Nas palavras de Harari (1997, p.188), “ao falar, falta a voz”, e é necessário que assim seja, que a voz se inscreva como esse objeto em falta e não

como presença absoluta, pois é somente como objeto em falta que abre condições para que a lei significante se instale. É necessário que o sujeito torne-se surdo frente a voz, pois assim poderá falar desde a posição de sujeito do inconsciente, ou seja, aquele que fala sem se escutar, que fala submetido a dimensão de uma equivocação, sem saber exatamente o que diz. A surdez aqui empregada não diz respeito a uma não escuta analítica, como geralmente este termo é utilizado, mas diz respeito a um momento lógico da constituição do sujeito em que é necessário que a voz caia para se inscrever como objeto *a* e para causar desejo. A voz deve ser silenciada e o sujeito deve tornar-se surdo frente a ela para se constituir enquanto sujeito. Vivès (2005, p.10, tradução nossa) define o que entende por esta surdez: “Ponto surdo que eu definiria como o lugar onde o sujeito após ter entrado em ressonância com o timbre originário deverá poder se tornar surdo para falar sem saber o que diz, isso quer dizer, como sujeito do inconsciente.”<sup>3</sup> Esse processo é necessário, caso contrário, o sujeito fica afogado na plenitude da voz do Outro primordial, sem cortes, nem silêncios e então estamos no campo das psicoses. Para Harari (2008, p. 69): “Isso explica, também, a dominância das alucinações auditivas no campo das psicoses; nelas, a fala — vetor do Simbólico — não consegue tornar a voz inaudível.”

Em verdade, a voz é um objeto incorporado, isso quer dizer que tem a ver com o corpo, que se faz corpo. Essa incorporação é a primeira forma de identificação, uma forma que diz do fato de se fazer corpo, de ser introjetado pelo corpo. A voz como identificação ao corpo trata de corporificar a voz do pai. A voz, para ser incorporada, deve ser corpo sensível ao significante. Esse significante que no campo das identificações se constitui por aquilo que ele não é. Lacan (2003) traz o texto saussureano para dizer que o significante é o que os outros não são; sua identidade é pura diferença. Essa diferença, que a rigor marca a diferença sexual, é o vetor de constituição da sexualidade e da subjetividade de modo a fazer com que o corpo se constitua para além do caráter anatômico, ou seja, para que o corpo se inscreva nos desfiladeiros da sexualidade é necessário que este seja sensível ao significante. No que tange a voz, de igual forma, esta deve ser tocada pelo

---

<sup>3</sup> “Point sourd que je définirai comme le lieu où le sujet après être entré en résonance avec le timbre originaire devra pouvoir s’y rendre sourd pour parler sans savoir ce qu’il dit, c’est-à-dire comme sujet de l’inconscient.” (Texto original).

significante, deve-se fazer significante, deve-se constituir como pura diferença, sendo aquilo que os outros não são. Isso produzirá efeitos simbólicos na voz, promovendo traços de identificação. “É enquanto pura diferença que a unidade, em sua função significante, se estrutura, se constitui.” (LACAN, 2003, p. 49).

O corpo atravessado pela linguagem não condiz com um corpo anatomo-fisiológico e é, por assim dizer, um corpo desnaturalizado. A linguagem é o que inscreve significantes no corpo. A chuva de significantes que cai sobre o *infans* desnaturaliza o corpo e o marca com os sons fonéticos da mãe. A voz da mãe vai marcar esse sujeito para além da linguagem, pois o que irá soar no sujeito constituirá sua singularidade, fazendo-o um ser falante. É interessante notar, parafraseando Harari (2002), que esta “fonética” particular da mãe nos traz algo de uma “ética” singular que passa pelo “fone”, pela fonação — pelo som da “língua” — uma “língua” muito singular e própria que em nada tem a ver com o idioma. A ética é a escuta dos sons, uma ética socrática, aquela que admite tudo menos isso. A ética da escuta de uma equivocação. Poderíamos fazer alguma espécie de violência com a palavra “fonética”, escrevendo: “*faunétique*”, que seria uma palavra-mala das palavras: *éthique*, *phonétique* e *Faune*. Este último que vem a ser a divindade Fauno — campestre, caprípede e cornuda que anda pelos campos a tocar sua flauta. Um ser desprovido das convenções humanas, imerso no poder de transe da música de sua flauta; um deus entregue aos prazeres sonoros. O que está em jogo é a ética da fonética da *lalangue* e o Fauno como essa divindade musical, sonora e rítmica, cuja palavra-mala é equivalente ao *faunétique*, que em outros termos vem a ser esse canto singular da mãe que se inscreve fazendo suas marcas sonoras, e que irá constituir o sujeito numa outra articulação entre o simbólico e o real.

A fonação presente na *lalangue* é da ordem dos sons e ritmos (*faunétique*), que não engendra fonemas, mas traços sonoros e rítmicos de uma lalação que coloca o sujeito no campo do real, no mundo do fauno (da música), numa outra ética. Já a fonação presente na língua é da ordem dos fonemas; também sons, não mais singulares como na *lalangue*, mas sons de uma língua executada por uma comunidade linguística, sons que se articulam com a coletividade, com o universo simbólico da linguagem. Por consequência, sons que estão em relação com o sentido. Na *lalangue*, os sons não estão em articulação com o sentido, mas com o

ritmo, ou seja, os sons não são coletivos, não pertencem à língua, nem mesmo são executados por uma comunidade linguística, mas são, sobretudo, singulares, fonéticos, sonoros, desarticulados do sentido e do universo simbólico da linguagem. O som da *lalangue* é um real que forclui o sentido, um real que não está em relação alguma. “O real, nos ilustra [Lacan] em seu Seminário, não admite, nem reconhece ligação alguma [...], é sempre por pontas, fragmentado” (HARARI, 2002, p. 240). O som da *lalangue* é uma fonação ritmada e desiderativa que marca o sujeito, constituindo-o e se singularizando nele. Os sons são da ordem do real que *ex-siste*, uma invenção não inscrita no simbólico. O real é um sem-sentido que se sustenta pelo gozo da fonação; um real impossível de ser apreendido. Para Harari (2002, p.239), “[...] a produção de sem-sentido motorizado pelo gozo da fonação se junta com o real — o impossível — da significação, porque é uma evidência (*évidence*) que esta suporta, assim, um esvaziamento (*évidement*)”.

Vale a pena esclarecer que o ser falante não é alguém que simplesmente fala, mas um fala-ser ou, como Lacan o cunhou, um *parlêtre* — um *parler être* — mas também um *par la lettre* — quer dizer, um fala-ser que se faz pela letra, na medida em que é do campo da letra, do real e não do significante que a voz da mãe marca o bebê. Prova disso, é o simples cantarolar, o ninar da mãe, o “manhês” que efetivamente está destituído de significados, mas pela letra ou pelo real da voz no seu timbre, altura, volume e ritmo inscrevem este sujeito no campo do inconsciente. Evidentemente, há que se entender a questão do timbre, altura, volume e ritmo não como uma mecanização, ou mesmo uma materialização da voz, mas como um corpo pulsional que é um corpo desejante, em falta. Para Harari (2005, p. 32):

A denominação *parlêtre*, que Lacan introduz precocemente – falante-ser, ser de fala –, não dá conta, conforme penso, do que acontece, de maneira concreta e gráfica, nas sessões. Que quer dizer isso? Que o analisante gagueja, murmura, sussurra, mussita, corta as palavras sem concluí-las – quando não corta, diretamente as frases –, grita, diz coisas contraditórias, e circunstâncias similares referentes ao que Lacan denominou, em 11/3/1975, no *Seminário R.S.I.*, “parlagem”.

A voz se insere numa problemática situada nos limites da pulsão em que o simbólico atua na inscrição da voz nos desígnios da linguagem, mas, ao mesmo

tempo, a voz é um dejetto do corpo, no sentido de um som corporal. A voz é um elemento de linguagem, mas também se separa da linguagem quando está articulada com o corpo e a pulsão. A voz é uma pulsão inscrita no corpo que a linguagem tenta significar, colocar significantes.

A voz é aquilo que possibilita, enquanto objeto *a*, a inscrição da linguagem por ser um objeto em falta. Nesse viés a voz está a serviço da linguagem, mas a voz também se situa como corpo ao mostrar que há um corpo que pulsa, há uma pulsão fonante, que faz a voz pulsionar na fronteira entre o psíquico e o somático, mostrando aí o corp(oral) da voz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARARI, R. **Como se chama James Joyce?** A partir do Seminário Le Sinthome de J. Lacan. Salvador e Rio de Janeiro: Ágalma e Companhia de Freud, 2002.

\_\_\_\_\_. O psicanalista pode não ser in-mundo? **Clinamen**. Florianópolis: Maiêutica Florianópolis-Instituição psicanalítica, v. 3 n. 3, p. 12-42, out. 2005.

\_\_\_\_\_. **O seminário “A Angústia” de Lacan:** uma introdução. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1997.

\_\_\_\_\_. **Psicanalista, o que é isso?** Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário 11:** Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Identificação:** Seminário 1961-1962. Trad. Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife (publicação não comercial, exclusiva para membros), 2003.

\_\_\_\_\_. **O seminário 23:** O sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

\_\_\_\_\_. **O seminário 10:** A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

VIVÈS, Jean-Michel. (dir.). Pour introduire la question du point sourd. In:  
**Psychologie Clinique:** La voix dans la rencontre clinique. Paris, nouvelle série, n.  
19, printemps, 2005.